

Entre forma e função: a alternância modo-temporal em sentenças condicionais sob a perspectiva sociofuncionalista

Between form and function: tense-mood alternation in conditional clauses from a sociofunctional perspective

Larissa de Souza VIANA 

Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, ES, Brasil
larissavianna090@gmail.com

Leila Maria TESCH 

Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, ES, Brasil
leilatesch@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir o fenômeno da alternância de tempo e modo verbal que ocorre em combinações articuladas em sentenças que expressam condição, iniciadas por *se*, sob a interface sociofuncionalista. Os usos alternativos da condicionalidade demonstram que a produção de sentenças hipotéticas ultrapassa a forma canônica mencionada nos compêndios gramaticais tradicionais. À luz da conjugação entre a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) e o Funcionalismo Norte-americano (Givón, 1995), tais alternâncias verbais não podem ser compreendidas como escolhas aleatórias. Pelo contrário, esses usos confirmam influências sistemáticas geradas pelo condicionamento de fatores linguísticos e de fatores extralinguísticos, os quais orientam o uso variável desse fenômeno. Por meio de uma reflexão ampliada acerca das sentenças condicionais, descrevem-se realizações variáveis e plenamente legítimas em contextos reais de uso. Utiliza-se, como *corpus*, dados orais do banco PortVix, de orientação variacionista, composto por 46 entrevistas. Apresentam-se o expressivo envelope variável de combinações verbais identificado no estudo realizado e o comportamento sistêmico averiguado nos distintos contextos da condicionalidade analisados. As combinações verbais distribuem-se conforme o tipo de condicional: o presente do indicativo predomina nas reais; o futuro do subjuntivo associado ao presente do indicativo caracteriza as potenciais; e o pretérito imperfeito do subjuntivo em correlação

com o futuro do pretérito é preferencial nas irrealis. Cada combinação parece operar em ambientes linguísticos preferenciais específicos, configurando verdadeiros “nichos” de uso, conforme a investigação com a variedade do português brasileiro falada na cidade de Vitória/ES.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; funcionalismo linguístico; sociofuncionalismo; alternância verbal; sentenças de condição.

Abstract: This article aims to discuss the phenomenon of tense–mood alternation in verbal combinations articulated in conditional sentences, within a sociofunctional interface. Alternative uses of conditionality demonstrate that the production of hypothetical sentences goes beyond the canonical patterns described in traditional grammatical handbooks. In light of the articulation between Variationist Sociolinguistics and Linguistic Functionalism, such verbal alternations cannot be understood as random choices. Rather, these uses reveal systematic influences resulting from the conditioning of both linguistic and extralinguistic factors, which guide the variable use of this phenomenon. Through an expanded reflection on conditional sentences, variable and fully legitimate realizations in real contexts of use are described. This study is based on the assumption that the analysis of language in use should not be restricted to the strictly syntactic domain, making it essential to also consider the functional aspects of the phenomenon under investigation. Furthermore, the study presents the extensive envelope of variation of verbal combinations identified in the analysis, as well as the systematic behavior observed across the different contexts of conditionality examined. The results show that different tense–mood articulations are not randomly distributed, but rather display strong associations with specific semantic–discursive contexts. Each combination appears to operate in preferential linguistic environments, forming distinct “usage niches,” as evidenced by the investigation of Brazilian Portuguese as spoken in the city of Vitória, Espírito Santo.

Keywords: variationist Sociolinguistics; Linguistic Functionalism; Sociofunctionalism; verbal alternation; conditional sentences.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos consolidaram-se, ao longo de mais de cinquenta anos, como uma reação direta às concepções que tratavam a língua como um sistema essencialmente homogêneo, abstrato e dissociado de seus contextos sociais de uso. No período anterior à chamada Era Chomskyana, embora já se observassem tentativas de

aproximação entre língua e sociedade, predominava ainda a ideia de que o sistema linguístico funcionava de modo uniforme e autônomo. Como consequência, fenômenos que escapavam a essa suposta homogeneidade acabavam marginalizados ou mesmo excluídos das investigações linguísticas.

Conforme aponta Vandresen (1974 *apud* Fonseca; Neves, 1974), diferentes fatores contribuíram para o surgimento e a consolidação da Sociolinguística enquanto corrente teórica. Entre eles, destacam-se a intensificação do interesse por grupos étnicos minoritários, o processo de formação de novas nações, além do incentivo institucional, acadêmico e financeiro, especialmente no âmbito educacional. Ao assumir a língua como um fenômeno social dinâmico, sujeito à variação e à mudança, o sociolinguista passa a descrever os fatos linguísticos a partir da interação entre condicionamentos internos e externos ao sistema. Nesse cenário, a noção de homogeneidade linguística começa a ser, então, progressivamente questionada.

No que tange às sentenças hipotéticas¹, observa-se que sua produção atende a uma ampla gama de propósitos comunicativos. As construções condicionais, em particular, permitem aos falantes argumentar, ponderar, supor, avaliar possibilidades ou mesmo contestar determinadas situações. Tal diversidade funcional revela o caráter multifacetado dessas estruturas, cuja complexidade se manifesta em diferentes níveis, como a presença ou ausência de conectores, a disposição das cláusulas, a seleção de tempos e modos verbais, bem como aspectos relacionados à modalidade e à temporalidade da sentença.

(01) Se minha mãe não sabe, eu pergunto meu pai ...
(PortVix²: Mulher, Ensino Fundamental, 7 a 14 anos)

Os usos variados da condicionalidade evidenciam que a formação de sentenças condicionais ultrapassa a forma considerada canônica nas descrições gramaticais tradicionais. A observação desses padrões, como será discutido ao longo deste artigo, aponta para a necessidade de uma

¹ O presente artigo é um recorte da Dissertação de Mestrado de Viana (2023).

² Este estudo analisa as condicionais encontradas do banco de dados PortVix (Yacovenço *et al*, 2012), banco de dados com entrevistas sociolinguísticas realizadas com participantes da comunidade de fala de Vitória, capital do Espírito Santo.

reflexão mais ampla acerca das sentenças condicionais tal como se concretizam nos usos reais da língua. Torna-se, assim, pertinente descrever essas realizações variáveis e plenamente legítimas em contextos de interação.

Nesse sentido, propõe-se a descrição do envelope de variação de combinações tempo-modo verbais produzidas em sentenças condicionais, à luz das contribuições da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]) e do Funcionalismo Norte-americano (Givón, 1995).

O Funcionalismo, assim como a Sociolinguística e outras vertentes da Linguística contemporânea, consolida-se como uma reação às abordagens de orientação formalista. Em oposição a uma concepção que privilegia a autonomia do sistema linguístico, os funcionalistas direcionam sua atenção para a relação entre língua e uso, concebendo a linguagem como um instrumento central da interação social. Nessa perspectiva, a linguagem é entendida, fundamentalmente, como um meio empregado por falantes reais com o propósito de transmitir informações em contextos efetivos de comunicação (Pezatti, 2004). Embora o termo funcionalismo seja frequentemente utilizado no singular, trata-se, na realidade, de um conjunto de abordagens que, de modo geral, atribuem ao falante um papel ativo na construção do discurso.

Nas últimas décadas, observa-se um crescimento significativo de pesquisas ancoradas na interface sociofuncionalista³. Originada nos anos 1980, a partir dos trabalhos do Peul⁴, essa perspectiva teórica dedica-se à investigação da língua em contextos efetivos de uso, articulando pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-americano (Cezario; Marques *et al.*, 2016, p. 50). A conjugação dessas abordagens possibilita análises mais abrangentes e metodologicamente consistentes, ampliando o potencial explicativo dos estudos sobre variação e mudança linguística.

Diante disso, este artigo tem como objetivo descrever o fenômeno da alternância de tempo e modo verbal em sentenças condicionais

³ Como é o caso de Tavares (2003). Em abordagem sociofuncionalista, a linguista evidencia a inter-relação entre variação e mudança em domínios discursivo-funcionais, perspectiva que fundamenta a análise aqui proposta.

⁴ Programa de Estudos sobre o Uso da Língua da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

introduzidas pela conjunção *SE*, a partir da articulação entre os dois campos teóricos mencionados⁵. Parte-se da premissa de que o envelope variável das condicionais envolve questões conceituais complexas, que se manifestam de maneira significativa nos usos linguísticos efetivamente realizados pelos falantes.

Para tanto, utiliza-se como *corpus* dados orais extraídos da amostra “Português Falado na Cidade de Vitória/ES” - PortVix (Yacovenco, 2002). De orientação variacionista, o banco é composto por 46 entrevistas, com duração média de uma hora, realizadas com falantes estratificados segundo sexo, faixa etária e escolaridade. Com o objetivo de acessar a fala vernacular — isto é, menos monitorada —, os entrevistadores adotaram estratégias discursivas que buscavam minimizar a atenção dos participantes ao contexto formal da entrevista, atenuando os efeitos do chamado paradoxo do observador (cf. Labov, 2008).

2 A SENTENÇA DE CONDIÇÃO E SEUS USOS VERBAIS

No que diz respeito às sentenças condicionais, Ely e Snichelotto (2020) observam que a tradição gramatical tende a privilegiar a apresentação de um modelo considerado prototípico dessas construções, geralmente formulado no esquema *se p, (então) q*, com a conjunção *se* ocupando, de modo canônico, a posição inicial do período. Na descrição proposta por Bechara (2009), as sentenças condicionais integram o conjunto das orações subordinadas adverbiais, ao lado de outras subclasses, como as causais, comparativas, concessivas, conformativas, consecutivas, finais, modais, proporcionais e temporais.

A caracterização das condicionais, segundo o autor, fundamenta-se tanto na relação de dependência sintática estabelecida com a oração principal quanto no valor modal que essas construções expressam. Nessa perspectiva, a oração condicional pode indicar, por um lado, a condição necessária para que o conteúdo da oração principal se realize ou deixe de se realizar e, por outro, a apresentação de um fato — real ou hipotético —

⁵ Dentre as hipóteses da pesquisa, acreditava-se que as sentenças condicionais potenciais apresentariam um maior uso de combinações modo-temporais, sendo a definitude do sujeito e a temporalidade fatores condicionadores relevantes: sujeitos mais definidos e com marcação temporal favoreceriam o uso do futuro, enquanto sujeitos mais genéricos e contextos atemporais tenderiam a favorecer combinações com o presente.

que se opõe ao que é expresso na oração nuclear (Bechara, 2009). Ademais, o gramático destaca a recorrência das construções condicionais em contextos argumentativos, uma vez que esse tipo de estrutura favorece a apresentação de hipóteses, justificativas e projeções de consequências. Tal funcionamento pode ser observado no exemplo 02, no qual o falante mobiliza uma sentença condicional como recurso para sustentar a possibilidade de o Brasil ter conquistado o título da Copa do Mundo de 1998:

- (02) Se ele tivesse na copa de noventa e oito a gente teria sido campeão mesmo lá... não cem por cento fisicamente, mas ele no banco aquele negócio de Ronaldinho com certeza ele entraria e dava conta do recado.
(PortVix: Homem, Ensino Superior, 26 a 49 anos)

Bechara (2009) chama atenção, ainda, para a instabilidade semântico-funcional das sentenças condicionais, ao afirmar que tais construções não se restringem à expressão de uma condição estrita. Segundo o autor, elas podem veicular valores como hipótese, eventualidade, concessão e temporalidade, frequentemente de forma sobreposta, o que dificulta o estabelecimento de fronteiras nítidas entre esses diferentes domínios conceituais (Bechara, 2009).

Cabe acrescentar aqui, a contribuição de Neves (2000), cuja abordagem funcional-discursiva das construções condicionais, em *Gramática de usos do português*, amplia o tratamento tradicional ao considerar aspectos de uso e de organização textual, estabelecendo um contraponto às descrições de orientação normativa (cf. Bechara, 2009; Rocha Lima, 2011). Nessa mesma direção, a perspectiva funcionalista é aprofundada com base em Givón (2001), especialmente no que se refere à noção de coerência interoracional (*inter-clausal coherence*), fundamental para a compreensão das relações estabelecidas entre prótase e apódose em sentenças condicionais.

No que se refere ao uso dos verbos, Rocha Lima (2011 [1972]) enfatiza o emprego do modo subjuntivo como característica das condicionais consideradas prototípicas pela tradição gramatical. De modo geral, os manuais normativos concentram-se na descrição dessas construções a

partir de formas verbais simples, deixando à margem outras possibilidades morfosintáticas igualmente legítimas e recorrentes no uso. Entre essas alternativas, destacam-se as construções perifrásticas, amplamente empregadas pelos falantes na formulação de enunciados condicionais (Ely; Snichelotto, 2020, p. 133), como ilustra o exemplo 03:

- (03) Se eu evitar de comer doce eu *vou sentir* vontade.
(PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)

As sentenças condicionais podem ser organizadas em três domínios semântico-discursivos distintos: *realis*, *potentialis* e *irrealis*. Essa classificação reflete, no plano discursivo, os diferentes graus de comprometimento do falante com o conteúdo proposicional do enunciado. Conforme observa Gryner (1998, p. 146), nas condicionais reais, há o entendimento da veracidade do evento expresso; nas potenciais, o enunciado não pressupõe nem a realização nem a não realização do fato; por sua vez, as condicionais irrealis ancoram-se na não concretização — ou na impossibilidade — do acontecimento hipotetizado.

Dessa forma, quanto maior o grau de assertividade do falante em relação ao evento enunciado, mais próximo da modalidade do *realis* se situa a sentença condicional. Em contrapartida, à medida que diminui a confiança do falante ao conteúdo proposicional, o enunciado desloca-se em direção ao domínio do *irrealis*. Brandão (2019) exemplifica essa gradação funcional por meio das seguintes sentenças:

- (04) Se eu tenho dinheiro, compro uma ilha. (Sentença real)
Se eu tiver dinheiro, comprarei uma ilha. (Sentença potencial)
Se eu tivesse dinheiro, compraria uma ilha. (Sentença irreal)

Outro ponto central, frequentemente problematizado nos estudos sobre sentenças condicionais, diz respeito à dicotomia entre subordinação e coordenação, tradicionalmente estabelecida pela gramática normativa. Tal oposição, amplamente difundida a partir dos pressupostos da NGB⁶,

⁶ Nomenclatura Gramatical Brasileira.

mostra-se limitada para dar conta da diversidade de arranjos sintáticos observados nos usos reais da língua, sendo, portanto, passível de revisão à luz das contribuições do Funcionalismo.

Nessa perspectiva, a abordagem funcionalista amplia o quadro classificatório ao incorporar, além da parataxe (associada à coordenação) e da subordinação (entendida como encaixamento), a noção de hipotaxe, definida como uma relação de combinação com realce. Essa organização tripartite permite uma descrição mais refinada das construções complexas, especialmente quando consideradas sob um viés discursivo. Conforme argumenta Hirata-Vale (2017), a análise dessas estruturas a partir do uso efetivo da língua conduziu à revisão da distinção tradicional entre coordenação e subordinação, uma vez que a separação estritamente binária proposta pelas gramáticas de orientação normativa já não se mostrava adequada para explicar uma série de fenômenos observados em contextos reais de interação social (Hirata-Vale, 2017).

Pelo critério funcionalista do *continuum* das cláusulas complexas, a oração subordinada adverbial na qual se inclui, pelos gramáticos, as sentenças condicionais, seriam um caso de hipotaxe, já que “[...] não há encaixe de uma sentença em outra, como na subordinação substantiva e adjetiva, mas uma hipotática de realce, isto é, aquela em que uma sentença amplia outra circunstancialmente” (Rodrigues, 2017, p. 77).

Essa reclassificação funcional afasta-se de maneira significativa da abordagem da gramática tradicional (doravante GT), ao propor um *continuum* sintático no qual a parataxe ocupa o polo de menor dependência e encaixamento; a subordinação, o polo de maior dependência estrutural, e a hipotaxe, uma posição intermediária entre esses extremos, conforme proposto por Hopper e Traugott (2003):

Quadro 1 – *Continuum* das cláusulas complexas

	PARATAXE	>	HIPOTAXE	>	SUBORDINAÇÃO
[Dependência]	–		+		+
[Encaixamento]	–		–		+

Fonte: Hopper e Traugott (2003, p. 170)

Não apenas as sentenças condicionais, mas as orações subordinadas, de modo geral, são frequentemente descritas pela tradição gramatical a partir de uma concepção de funcionamento uniforme. Tal perspectiva, no entanto, contrasta com o comportamento efetivamente heterogêneo dessas construções, conforme aponta Rodrigues (2017, p. 76). Essa heterogeneidade manifesta-se, entre outros aspectos, na variação da ordem das cláusulas, na seleção de diferentes formas verbais e na diversidade de conectores escolhidos pelos falantes.

Estudos têm apontado regularidades quanto à posição ocupada pelas sentenças condicionais no período, indicando uma tendência à sua ocorrência em posição inicial. Essa preferência relaciona-se, sobretudo, ao vínculo semântico estabelecido entre a sentença condicional e a oração nuclear, uma vez que, em termos argumentativos, a premissa costuma preceder a conclusão (Rocha; Lopes, 2009), aspecto que nem sempre recebe atenção sistemática nas descrições da gramática tradicional. Outro resultado recorrente nesses trabalhos diz respeito ao papel do conector *SE* — também referido como articulador sintático —, identificado como o elemento mais frequente na introdução de sentenças condicionais nos usos efetivos da língua (Ferreira; Rodrigues, 2017,).

No que concerne às formas verbais empregadas nessas construções, a análise funcionalista evidencia as diferentes articulações possíveis entre tempo e modo, responsáveis pela constituição de variados padrões modo-temporais. No excerto de entrevista apresentado em 05, por exemplo, o falante recorre a uma construção condicional para explicar aspectos relacionados ao transporte rodoviário na capital em um período anterior.

- (05) se **quisesse** ir pra Camburi você **tinha** que ir pra cidade você tinha que ir pra cidade e da cidade pegar outra linha pra lá ... agora vai direto ... melhorou muito ... e aqui você vai pra Faesa ... você sabe né? [...] se eu **quiser ir** pra Jardim da Penha eu **pego** o ônibus aqui eu num instantinho ...
(PortVix: Homem, Ensino Médio, acima de 50 anos)

No exemplo 05, o informante combina o pretérito imperfeito do subjuntivo na sentença condicional (*se quisesse ir pra Camburi*) com o

pretérito imperfeito do indicativo na porção nuclear (*você tinha que ir pra cidade*), configuração que remete a uma condição situada em um domínio temporal retrospectivo. Momentos depois, ao retomar o mesmo tópico discursivo, o falante mobiliza uma nova construção condicional, agora associada a uma projeção prospectiva, orientada para o futuro, na qual o futuro do subjuntivo (*se eu quiser ir pra Jardim da Penha*) articula-se com o presente do indicativo (*eu pego o ônibus*).

À luz do arcabouço teórico discutido ao longo deste artigo, tais alternâncias de tempo e modo verbal não podem ser interpretadas como escolhas fortuitas. Ao contrário, elas refletem condicionamentos sistemáticos, resultantes da interação entre fatores linguísticos — como valores temporais e modais — e fatores extralinguísticos, relacionados ao contexto discursivo e às características sociais do falante, os quais orientam o uso variável desse fenômeno.

3 COMBINAÇÕES VERBAIS EM CONDICIONAIS: CASO DE VARIAÇÃO OU ALTERNÂNCIA?

O conceito de variação, pela perspectiva laboviana, pode ser compreendido como duas ou mais formas que “concorrem” com um mesmo valor referencial. Dessa maneira, pode haver formas de se referir a algo, tendo o mesmo significado como, por exemplo, a variável da segunda pessoa do singular com as suas duas variantes que são comumente utilizadas, *tu* e *você*.

Em fenômenos clássicos de variação, como aqueles envolvendo a expressão da segunda pessoa do singular, a concorrência entre formas como *tu* e *você* é amplamente reconhecida, uma vez que ambas compartilham o mesmo valor referencial. Nesses casos, a alternância ocorre entre variantes funcionalmente equivalentes. Contudo, quando o significado referencial envolve sutis diferenças semânticas, a caracterização da variação torna-se mais complexa e menos consensual. É nesse cenário que se insere o objeto de investigação do presente estudo.

As formas verbais mobilizadas em sentenças condicionais introduzidas por *se* envolvem diferentes combinações de tempo e modo verbal, cujas escolhas podem acarretar variações nos valores semântico-

modais expressos. Tal característica afasta esse fenômeno da noção estrita de equivalência semântica subjacente ao conceito de valor de verdade, entendido como “[...] a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes [...]” (Labov, 2008, p. 313). Assim, a alternância observada nas sentenças condicionais demanda uma abordagem analítica que considere não apenas a forma, mas também as nuances de sentido associadas aos diferentes contextos de uso.

Para Lavandera (1978), é possível reconsiderar a exigência de que formas alternativas devam “dizer a mesma coisa” para serem tratadas como variantes. Em vez de eliminar a variação com base em diferenças de significado, a autora propõe que se examine o condicionamento linguístico e social das formas que apresentam distinções semânticas. No artigo *Where does the sociolinguistic variable stop?*, a pesquisadora questiona Labov quanto ao papel do significado na variação linguística e sugere o relaxamento da condição de identidade do significado referencial entre as variantes. Em seu lugar, propõe a noção de comparabilidade funcional, segundo a qual formas diferentes podem ser comparadas desde que desempenhem funções discursivas semelhantes.

A delimitação da variável sociolinguística, inicialmente restrita ao nível fonológico, enfrentou desafios teóricos significativos ao expandir-se para os níveis morfosintático e discursivo, marcados pela célebre discussão entre Labov e Lavandera na década de 1970. Enquanto a vertente laboviana clássica pressupunha a equivalência semântica estrita (“duas formas de dizer a mesma coisa”), Lavandera questionou a aplicabilidade desse conceito a formas com significado social ou estilístico distinto. No entanto, o escopo da variável variacionista foi ampliado em discussões subsequentes, como as de Milroy e Gordon (2003), que propõem o foco na “mesma função comunicativa” para analisar variações além da fonologia. Nessa mesma linha, Tagliamonte (2006) defende que o critério fundamental para o estudo da variação deve migrar da equivalência semântica para a equivalência discursiva ou funcional. Para a autora, o que define a variável é a possibilidade de diferentes formas serem empregadas para cumprir uma mesma função no discurso, consolidando uma transição teórica essencial: o deslocamento do significado referencial em direção à função comunicativa como eixo central da análise sociolinguística.

Nesse cenário, a expansão do conceito de variável para além do nível referencial encontra suporte teórico robusto na noção de domínio funcional, central para o funcionalismo e a abordagem sociofuncionalista. Um domínio funcional pode ser compreendido como um complexo de intenções comunicativas ou categorias cognitivo-gramaticais (como a negação, a causalidade ou a sequenciação discursiva) que podem ser preenchidas por diferentes formas linguísticas.

A relação entre essas formas e o domínio é esclarecida pelo *Princípio da Estratificação* de Hopper (1991). Segundo o autor, dentro de um domínio funcional amplo, novas "camadas" (*layering*) emergem continuamente; contudo, o surgimento de novas formas não implica o descarte imediato das antigas. Pelo contrário, as camadas coexistem e interagem, gerando um espaço de competição e complementaridade.

Dentro de um **domínio funcional** amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas." (Hopper, 1991, p. 22; grifo acrescido)

Sob a ótica sociofuncionalista (cf. Tavares, 2003, 2013; Tavares; Görski, 2015), essa convivência de camadas fornece o fundamento para a variação: as "camadas" de um domínio funcional correspondem, na prática, às variantes de uma variável linguística. Assim, a análise deixa de focar apenas na mudança diacrônica (gramaticalização) para observar a sincronia instável, onde diferentes formas disputam o mesmo espaço funcional, sendo selecionadas por condicionamentos pragmáticos, discursivos e sociais.

4 PORTVIX 2000: O BANCO DE DADOS CAPIXABA ANALISADO

O primeiro banco de dados com registro oral capixaba foi intitulado de PortVix – Português falado na cidade de Vitória/ES. Ele é constituído por 46 entrevistas realizadas nos primeiros anos da década de 2000. As gravações tiveram duração de mais ou menos uma hora em cada entrevista, sendo que foram realizadas, em sua maior parte, com nascidos na cidade metropolitana de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. As

entrevistas sociolinguísticas, realizadas neste registro pioneiro da fala capixaba, tiveram como objetivo alcançar o vernáculo da comunidade de fala de Vitória/ES.

Para Tarallo (1986), o vernáculo é a própria língua falada, mas sem que o indivíduo se preocupe com a sua própria fala. Todavia, por conta do grau de formalidade maior de uma entrevista, não é tarefa fácil encontrar esse momento de maior desvio de atenção do falante a sua própria fala. Em síntese, a língua falada corresponde ao vernáculo: é a manifestação de fatos, proposições e ideias sem que haja preocupação com a forma de enunciá-los. Refere-se a situações em que a atenção dedicada à linguagem é mínima, especialmente no que diz respeito ao modo de dizer (Tarallo, 1986, p. 19).

Os 46 participantes foram registrados em dois encontros, conduzidos sempre por dois entrevistadores. No primeiro, verificava-se se o informante cumpria os critérios definidos e identificavam-se os temas mais propícios ao vernáculo. No segundo, realizava-se a entrevista propriamente dita, com duração média de 60 minutos. Nessa etapa, aplicou-se uma entrevista semidirigida, de orientação laboviana, na qual os entrevistadores empregaram diferentes estratégias para favorecer a emergência do vernáculo, levando o falante a dedicar menor atenção à forma de sua fala e maior foco ao conteúdo (Tesch; Yacovenko, 2022, p. 53).

A estratificação foi realizada pelo sexo (Homem/Mulher), pela faixa etária (07 a 14 anos; 15 a 25; de 26 a 49 ou acima dos 50 anos) e, também, pela escolaridade (ensino fundamental; médio ou superior) dos falantes que foram entrevistados. De forma aleatória, as células foram sorteadas a partir das regiões administrativas da capital do Espírito Santo.

Concluída a fase de gravação, as entrevistas foram transcritas pelos membros do grupo de pesquisa e integradas a um banco de dados destinado a pesquisadores interessados em realizar estudos com esse *corpus*. Atualmente, o material passa por um processo de organização, visando à sua futura disponibilização em uma plataforma *online*, o que permitirá ampliar o acesso de outros pesquisadores aos dados.

5 O ENVELOPE DAS COMBINAÇÕES VERBAIS EM SENTENÇAS DE CONDIÇÃO

Em Viana (2023)⁷, foram investigadas as combinações de tempo e modo verbal resultantes da articulação entre as formas verbais da sentença condicional e da sentença nuclear em sentenças condicionais introduzidas pela conjunção *se*, nos domínios do real, do potencial e do irreal, com base em dados da fala da cidade de Vitória/ES. O *corpus* inicial desse estudo foi constituído por 793 sentenças condicionais encabeçadas por *se*. Desse total, identificaram-se 25 ocorrências classificadas como reais, 615 como potenciais e 153 como irrealis, o que evidencia a predominância das condicionais potenciais, responsáveis por 77,56% do conjunto analisado.

No interior do domínio do potencial⁸, observaram-se três combinações modo-temporais que se destacaram pela frequência de ocorrência, somando, em conjunto, 496 dados dentre os 615 casos identificados. Diante desse resultado, a análise quantitativa concentrou-se nessas três configurações mais produtivas, a saber: futuro do subjuntivo + presente do indicativo (*se souberem de um caso assim, eles encaminham, assim, para... para outros lugares, entendeu?*); presente do indicativo + presente do indicativo (*se minha mãe não sabe eu pergunto meu pai...*); e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico (*se eu evitar de comer doce eu vou sentir vontade com certeza, né!*).

De modo geral, o levantamento das articulações modo-temporais revelou um total de 40 combinações distintas, configurando um envelope de variação bastante amplo, o que surpreendeu bastante. Apesar dessa diversidade, verificou-se que apenas cinco dessas combinações concentraram 642 ocorrências, correspondendo a aproximadamente 80%

⁷ As categorias de análise compreendem fatores linguísticos — como posição/ordem da sentença, modalidade, temporalidade e definitude do sujeito — e fatores sociais, operacionalizados a partir das macrocategorias do banco de dados (escolaridade, faixa etária e sexo). Dentre os fatores linguísticos, destacam-se como estatisticamente significativos a posição das sentenças ($p = 0,003$), relevante em todas as rodadas analíticas, e a temporalidade, cuja atuação evidenciou a associação entre atemporalidade e o uso do presente do indicativo, sobretudo na oração nuclear/apódose, corroborando a hipótese inicial de distribuição modo-temporal nas condicionais potenciais.

⁸ Segundo Helena Gryner (1998), as modalidades *realis*, *potentialis* e *irrealis* expressam diferentes graus de factualidade: *realis* refere-se a eventos tidos como reais; *potentialis*, a eventos possíveis; e *irrealis*, a situações não realizadas ou contrafactuais.

do total de sentenças condicionais analisadas. As demais 35 combinações apresentaram frequências inferiores a 30 ocorrências cada, distribuindo-se pelas 151 sentenças restantes. Em razão de sua baixa recorrência, essas combinações foram agrupadas sob a denominação de combinações infrequentes.

Tabela 1 – Combinações modo-temporais⁹ nas condicionais iniciadas por se encontradas na amostra PortVix 2000.

(Continua)

Combinação	Sentenças condicionais	Real	Potencial	Irreal	Frequência total
P ¹⁰ : Futuro do Subjuntivo	mas se e/ se souberem de um caso assim, eles encaminham , assim, pra...	3	304	4	311
A ¹¹ : Presente do Indicativo	pra outros lugares, entendeu? (Homem, Ensino Fundamental, 26 a 49 anos)	0,96%	97,74%	1,28%	100%
P: Presente do Indicativo	se minha mãe não sabe eu pergunto meu pai...	17	121	2	140
A: Presente do Indicativo	(Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)	12,14%	86,42%	1,42%	100%
P: Futuro do Subjuntivo	se eu evitar de comer doce eu vou sentir vontade com certeza né.	0	71	0	71
A: Futuro Perifrástico	(Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)		100%		100%
P: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	aí veio e ta/ uma moto saiu da calçada pra entrar na/ na pista... ele tentou desviar e... se ele batesse na moto seria pior...	0	3	58	61
A: Futuro do Pretérito	(Mulher, Ensino Superior, 15 a 25 anos)		4,91%	95,08%	100%

⁹ Neste trabalho, as modalidades *real*, *potencial* e *irreal* são tratadas como fatores linguísticos (variáveis independentes) distintos, correspondentes a diferentes graus de factualidade (cf. Gryner, 1998), e analisadas separadamente. Em cada uma dessas modalidades, a variável dependente é constituída pelas combinações modo-temporais das sentenças condicionais, cujas realizações configuram as variantes.

¹⁰ Prótase: É a oração que expressa a condição, geralmente introduzida por conectivos como *se*, *caso*, *quando* (com valor condicional).

¹¹ Apódose: É a oração que expressa a consequência ou o resultado da condição apresentada na prótase.

Tabela 1 – Combinações modo-temporais¹² nas condicionais iniciadas por se encontradas na amostra PortVix 2000. (conclusão)

P: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	ah eu sou perdida em fazer comida ... é a única profissão que esse eu acho que se eu precisasse eu queria ser... de forno e fogão ... adoro ... pra mim não tem coisa melhor que fazer comida ...	0	17 28,81%	42 71,18%	59 100%
A: Pretérito Imperfeito do Indicativo	(Mulher, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)				
Combinações infrequentes	Alguns exemplos: Presente do Indicativo + Futuro perifrástico; Pretérito imperfeito do subjuntivo + IA + Infinitivo; Pretérito imperfeito do subjuntivo + Presente do Indicativo; Pretérito perfeito + Presente do Indicativo; Futuro do Subjuntivo + Futuro do Subjuntivo; Futuro do Subjuntivo + Pretérito Perfeito; Presente do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Indicativo;	5 3,31%	99 65,56%	47 31,12%	151 100%
Total	40 combinações	25	615	153	793 sentenças

Fonte: Viana (2023, pág. 74)

Os dados desse levantamento inicial permitem observar padrões de comportamento bastante definidos entre as combinações modo-temporais analisadas. Verifica-se, por exemplo, que aproximadamente 97% das sentenças condicionais realizadas por meio da articulação entre o futuro do subjuntivo na prótase e o presente do indicativo na apódose são condições potenciais. Na sequência, destaca-se a elevada recorrência da combinação presente do indicativo + presente do indicativo, que responde

¹² Neste trabalho, as modalidades *real*, *potencial* e *irreal* são tratadas como fatores linguísticos (variáveis independentes) distintos, correspondentes a diferentes graus de factualidade (cf. Gryner, 1998), e analisadas separadamente. Em cada uma dessas modalidades, a variável dependente é constituída pelas combinações modo-temporais das sentenças condicionais, cujas realizações configuram as variantes.

por mais de 80% das ocorrências no domínio do potencial. Já a associação entre o futuro do subjuntivo e o futuro perifrástico mostrou-se restrita a esse mesmo contexto, não sendo atestada nos demais domínios considerados.

No que concerne às condicionais irreais, observa-se um padrão igualmente concentrado, uma vez que a combinação entre o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase e o futuro do pretérito na apódose ocorre em cerca de 95% dos casos. Esses resultados indicam que as diferentes articulações modo-temporais não se distribuem de forma aleatória, mas apresentam fortes vínculos com determinados contextos semântico-discursivos. Cada combinação, assim, tende a operar em espaços preferenciais específicos, configurando verdadeiros “nichos” de uso, conforme sintetizado no quadro 2.

Para uma melhor representação do comportamento nos diferentes domínios da condicionalidade — real, potencial e irreal —, foram produzidas nuvens de palavras. Nesse recurso visual, o tamanho e a intensidade gráfica dos itens lexicais correspondem à sua frequência de ocorrência no *corpus*, de modo que formas mais salientes representam maior recorrência nos dados.

Na primeira figura, observa-se que as sentenças condicionais reais iniciadas pela conjunção *se*, coletadas na fala oral capixaba, apresentam um conjunto significativamente mais restrito de combinações modo-temporais quando comparadas aos contextos do potencial e do irreal. Entre essas ocorrências, destaca-se a combinação presente do indicativo + presente do indicativo, que concentra o maior número de dados no domínio do real.

De modo geral, nas construções classificadas como *realis*, verifica-se a seleção recorrente do presente do indicativo, seja na sentença condicional, seja na sentença nuclear. Essa preferência sugere uma relação de simultaneidade temporal entre as duas sentenças, característica típica das condicionais reais. Conforme argumenta Corôa (2005), o tempo presente pode ser concebido como um ponto temporal não delimitado por uma duração que o separe nitidamente do passado ou do futuro, o que contribui para compreender por que a combinação presente do indicativo + presente do indicativo se configura como um “nicho” particularmente

associado às sentenças condicionais reais iniciadas por *se* no *corpus* PortVix.

À luz de Hopper (1991), esse resultado pode ser interpretado como um caso de especialização, na medida em que a combinação presente do indicativo + presente do indicativo se associa de forma mais estável às sentenças condicionais reais iniciadas por *se* no *corpus* PortVix, configurando um nicho funcional específico. Esse padrão indica uma restrição progressiva da variabilidade, com essa forma assumindo um papel preferencial na codificação de contextos de maior factualidade.

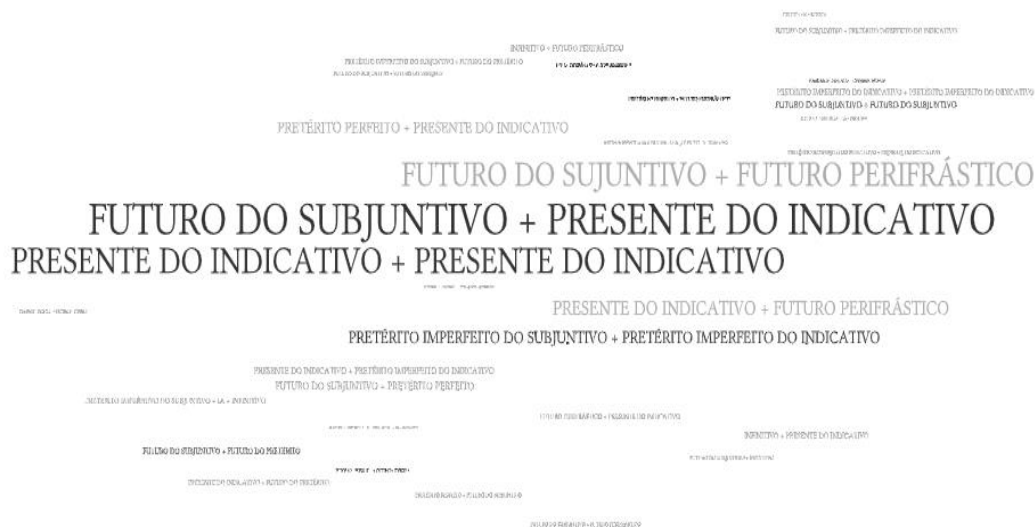
Figura 1 – Uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais reais na amostra PortVix 2000



Fonte: Viana (2023, pág. 88)

Na segunda figura, observa-se um número significativamente mais elevado de combinações modo-temporais, o que se reflete na nuvem por meio de uma ampla diversidade de formas verbais selecionadas pelos falantes no domínio das condicionais potenciais. A literatura aponta que esse tipo de sentença constitui o contexto mais recorrente de manifestação da hipótese, o que torna previsível a maior variedade de articulações entre tempo e modo nesse âmbito. Dessa forma, o alargamento do conjunto de combinações modo-temporais observadas nas condicionais potenciais coincide com a frequência e a produtividade desse domínio nos usos dos falantes.

Figura 2 – Uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais potenciais na amostra PortVix 2000

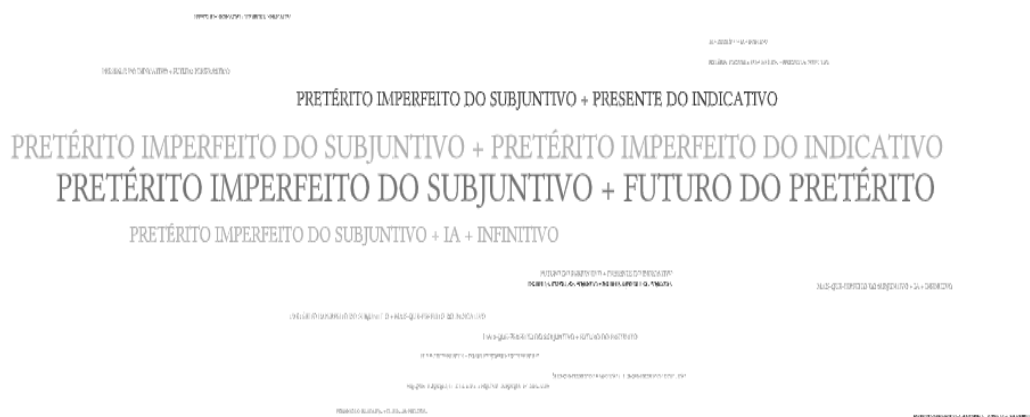


Fonte: Viana (2023, pág. 89)

Por fim, na figura correspondente às sentenças condicionais irrealis, sobressai de maneira expressiva a seleção do pretérito imperfeito do subjuntivo na cláusula condicional, evidenciando a forte associação desse tempo e modo verbal ao domínio do *irrealis*. De modo complementar, observa-se a recorrência do futuro do pretérito na oração nuclear dessas construções, compondo um padrão modo-temporal característico desse tipo de condicional.

Esse comportamento encontra respaldo na interpretação proposta por Câmara Jr. (1956), segundo a qual o futuro do pretérito já incorpora, em seu valor semântico, a noção de irrealidade do evento e o caráter hipotético da condição enunciada, o que contribui para explicar sua afinidade com as sentenças condicionais situadas no âmbito do *irrealis*.

Figura 3 – Uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais irrealis na amostra PortVix 2000



Fonte: Viana (2023, pág. 90)

A análise conjunta das três figuras demonstra que as combinações modo-temporais em sentenças condicionais iniciadas por se distribuem-se de maneira sistemática nos diferentes contextos da condicionalidade. Nas condicionais reais, observa-se um conjunto mais restrito de combinações, com forte concentração no presente do indicativo em ambas as sentenças, refletindo a simultaneidade temporal e o caráter factual do evento enunciado. Já no domínio do potencial, verifica-se a maior diversidade de articulações modo-temporais, compatível com o maior uso por parte dos falantes desse tipo de sentença e com a amplitude de valores semântico-discursivos que esse contexto comporta. Por fim, nas condicionais irrealis, destacam-se padrões mais cristalizados, especialmente a associação entre o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase e o futuro do pretérito na apódose, combinação que codifica de forma prototípica a irrealidade e a não factualidade do evento. Esses resultados reforçam o pressuposto de que as escolhas modo-temporais não são aleatórias, mas refletem a interação entre valores funcionais e discursivos, sensíveis aos diferentes contextos de uso da condicionalidade na fala. Um olhar duplo que alcançamos por meio do Sociofuncionalismo, torna-se, pois, essencial no entendimento do fenômeno da alternância verbal em sentenças condicionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou associar as abordagens teóricas da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico a fim de discutir o fenômeno da alternância de tempo e modo verbal que ocorre em combinações articuladas em sentenças de hipóteses introduzidas pela conjunção *se*, a partir de dados de fala do português falado na cidade de Vitória/ES – PortVix 2000. Partiu-se do pressuposto de que o envelope variável das condicionais se relacionava com questões conceituais complexas, que se manifestam de maneira significativa nos usos linguísticos realizados pelos falantes.

A modalidade potencial foi tratada, neste estudo, como variável independente, constituindo um recorte específico no domínio das sentenças condicionais introduzidas por *se*, definido em termos de graus de factualidade (cf. Gryner, 1998). No interior desse domínio, a alternância incide sobre as combinações modo-temporais, consideradas como variável dependente, cujas realizações (como futuro do subjuntivo + presente do indicativo, presente do indicativo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico) configuram as variantes em análise. Nessa perspectiva, não se opõem *real*, *potencial* e *irreal* como variáveis distintas, mas se focaliza a alternância interna à modalidade potencial, a partir do conjunto mais amplo de ocorrências do *corpus*.

A partir de um grande envelope de combinações coletados — 40 no total — refletiu-se a ideia de que a expressão da condicionalidade ultrapassa os modelos canônicos tradicionalmente descritos pelas gramáticas tradicionais, as quais tendem a privilegiar um número restrito de combinações verbais. Os resultados mostraram que as distintas combinações modo-temporais se organizam de maneira sistêmica aos contextos semântico-discursivos da condicionalidade — *real*, *potencial* e *irreal*. Observou-se que determinadas articulações verbais se mostram fortemente relacionadas a contextos específicos, comportando-se como verdadeiros “nichos” de uso. Nesse âmbito, combinações como presente do indicativo + presente do indicativo revelaram-se mais prototípicas das condicionais reais, enquanto articulações com o futuro do subjuntivo e o presente do indicativo se destacaram no contexto das sentenças potenciais, e o pretérito imperfeito do subjuntivo em correlação com o

futuro do pretérito mostrou-se amplamente preferencial nas condicionais classificadas como irrealis.

O estudo evidencia que a noção de variável linguística pode ser aplicada à alternância modo-temporal, desde que se reconheça a ocorrência de nuances semânticas e funcionais entre as formas alternativas. A interface sociofuncionalista se demonstra fundamental para captar a complexidade do fenômeno estudado, ao propiciar a compreensão dos padrões de frequência, questões conceituais, significado referencial e dos seus contextos de uso.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à FAPES pelo financiamento da pesquisa publicada neste artigo.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANDÃO, S. M. Variável faixa etária – índice de pressão social e/ou mudança em curso?. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 1, 2019.

CÂMARA JR., J. M. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M. Sociofuncionalismo. In: Mollica; Junior (Orgs.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 45-61.

CORÔA, M.L.S. **O tempo nos verbos no português**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

ELY, L.; SNICHELOTTO, C. A. R. Construções condicionais do português brasileiro escrito: uma perspectiva de gramática baseada no uso. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 128-150, jan./jul. 2020.

FERREIRA, V. P.; RODRIGUES, V. V. Uso(s) das orações condicionais. In: RODRIGUES, V. V. (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

FONSECA, M.S.V, NEVES, M.F. (org.). **Sociolinguística**. Coleção Enfoque. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. 2. ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.

GRYNER, H. Variação e iconicidade: a representação morfossintática de uma hierarquia semântica. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.139-160, jul./dez. 1998.

HIRATA-VALE, F. B. de M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. **Estudos linguísticos**. São Paulo. 46 (1): p. 83-97, 2017.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (ed.). **Approaches to grammaticalization: theoretical and methodological issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 17–36.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. Gramaticalization across clauses. In: HOPPER,; TRAUGOTT, E. C. **Gramaticalization**. CUP, Cambridge, 2003, 2ª ed, p. 175-211.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. v. 26. São Paulo, Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, 44. Austin, Texas. Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in society**, [s.l.], Cambridge University Press., v.7, n.02, p.171-182, ago.1978.

MILROY, L.; GORDON, M.. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortex Editora, 2004, p. 165-217.

ROCHA, M. A. F.; LOPES, R. E. V. L. Adjunção. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do (orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença** (Vol. III). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. ed. 49. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, V. V. Subordinação adverbial ou hipotaxe circunstancial? In: RODRIGUES, V. V. (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Série Princípios, 1986.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**: Revista de Estudos em Língua e Literatura, Itabaiana, v. 17, n. esp., p. 27-48, jan./jun. 2013.

TESCH, L. M.; YACOVENCO, L. C. Portvix: Estratégias de Bancos de Dados para a Continuidade da Documentação em Pesquisas Sociolinguísticas, p. 51-70. In: Desafios para Pesquisa em Sociolinguística. São Paulo: **Blucher**, 2022.

VIANA, L. S. **Se essa rua for minha, eu mando ladrilhar**: um estudo variacionista de sentenças condicionais na fala capixaba. 2023. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

YACOVENCO, L. C. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, M. da P.; YACOVENCO, L. C. (Org.). **Caminhos em linguística**. Vitória: Nuples: DLL: Ufes, 2002, p. 102-111.

YACOVENCO, L. C. *et al.* Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online), v.56, p.771 - 806, 2012.

VIANA, Larissa de Souza; TESCH, Leila Maria. Entre forma e função: a alternância modo-temporal em sentenças condicionais sob a perspectiva sociofuncionalista. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 16, e97254, 2026. DOI: 10.36517/ep16.97254.